

Sarah Addison Allen

LAGO
PERDIDO

Tradução
Inês Castro

*Quinta Essência**

Paris, França
Outono de 1962

A húmida aragem noturna bailava nos candeeiros elétricos da rua, libertando faúlhas minúsculas como a pedra de um isqueiro. Quase tropeçando de novo, Eby Pim riu-se e passou o braço pelo de George. O passeio irregular estava deformado por raízes antigas de tílias há muito desaparecidas. Os grandes sapatos rasos de George davam-lhe uma passada segura, mas ela tinha saltos altos, o seu andar era instável e o tique-tique-pausa-e-balanço fazia-a sentir-se bastante ébria ou como se estivesse a dançar ao som de música desafinada.

George inclinou-se e sussurrou que a amava, que ela estava linda nessa noite. Eby sorriu e enterrou o rosto no ombro de George. Sentiam-se tão à vontade aqui. E, quanto mais tempo passavam longe do seu país, mais tempo queriam ficar. Escreviam missivas curtas em postais para as respetivas famílias e George enviava regularmente para casa caixotes com mobiliário extravagante e antiguidades, mas, um com o outro, nunca falavam em voltar.

Paris, com as suas ruas escuras e sinuosas, era o local perfeito para se perderem. Na primeira semana da lua de mel, tinham-se desorientado no nevoeiro durante horas, acabando por ir parar a cruzamentos e ruelas desconhecidos, esbarrando

em gatos vadios de cidade que, por vezes, os conduziam a cafés e restaurantes quentes se se sentissem generosos e cheios de saborosos ratos de esgoto. Com grande frequência, George e Eby não regressavam ao hotel senão quando o dia já raiara e depois dormiam nos braços um do outro até à tarde. George pagava ao filho do dono para lhes trazer ao quarto, ao anoitecer, café e pastéis feitos com queijo e espinafres. Comiam na cama, enrolados em lençóis enrugados, vendo o pôr do Sol, a discutir que direção tomar quando a escuridão caísse e transformasse tudo de novo num jogo das escondidas.

Naquela noite, tinham andado sem rumo, tentando perder-se. Mas haviam falhado. Há quatro meses que cruzavam aquelas ruas. Mesmo no escuro, estavam a começar a reconhecer alguns bairros por um vago odor a queimado do tempo da guerra. E havia vários pontos ao longo do rio que conheciam apenas pelo tom da água. Durante o jantar, uma refeição que consistira inteiramente de cogumelos, apenas porque lhes apetecia, não tinham conseguido ainda arranjar coragem para falar do regresso a casa. Em vez disso, George mencionara o jovem casal que tinham conhecido no outro dia, os de Amesterdão.

– Amesterdão parece ser uma cidade agradável, não parece?
– perguntou a Eby.

Ela sorriu, sabendo onde a conversa iria parar.

– Sim, muito agradável.

– Talvez devêssemos visitá-la.

– Podíamos perder-nos – disse Eby.

– É essa a ideia. – George estendeu o braço pela mesa, pegou-lhe na mão e beijou-a.

E assim a família de Eby teria de esperar mais algum tempo, apesar das cartas vindas de casa estarem a tornar-se cada vez mais enérgicas e preocupadas. *Não é de bom-tom, escrevia a mãe, ficar em lua de mel durante tanto tempo. Só deviam ter estado fora duas semanas! A tua irmã e eu estamos a ficar fartas de inventar desculpas. Volta para casa, para Atlanta. Assume o teu lugar.*

No caminho de regresso ao hotel, aproximaram-se de um restaurante que reconheceram pelo cheiro a salsicha frita muito intenso no ar. A campainha por cima da porta do restaurante tocou e a luz amarela lá de dentro dissolveu-se no nevoeiro como manteiga. Pararam quando ouviram vozes. Um homem e uma mulher saíram do restaurante a rir-se, aos sussurros. As suas vozes diluíram-se na noite sedutora, onde os casais muitas vezes se enlaçavam em soleiras escuras de portas, sem serem vistos. Conseguiram ser tão silenciosos que nem sequer percebiam que estavam a passar por duas pessoas a fazer amor até que transpunham o vapor incendiado de vermelho do seu desejo. Ocasões houvera em que George e Eby se tinham sentido avassalados. Na primeira noite em Paris, Eby sentira alguma relutância quando George lhe pegara na mão, a levava para debaixo de uma ponte pedonal, a comprimir contra as pedras húmidas e a beijara ao mesmo tempo que lhe erguia punhados da saia. Mas depois percebera como se sentia livre ali e começara a pensar: *Isto sou eu. Este é o meu verdadeiro eu. C'est moi*, sussurrara vezes sem conta.

E aquilo era verdadeiramente ela. Esta era a sua decisão, a sua felicidade. Casar com George não fora uma coisa que tivesse feito para ajudar a família. O dinheiro escapava-se por entre os dedos da sua família como água de nascente. Pareciam não conseguir agarrá-lo. E gerações de mulheres Morris tinham tentado com sinceridade apaixonar-se por homens ricos. A irmã de Eby, Marilee, constituíra uma genuína esperança para todos. Os homens ricos gostavam de mulheres belas e Marilee com certeza que pescaria um deles com o seu cabelo loiro, que brilhava como o fogo roubado pelo coelho, e os seus intensos olhos verdes. Mas mal Marilee pôs a vista em cima do rapaz que enchia o depósito de gasolina do carro da família ficou louca por ele. Para surpresa de toda a gente, fora Eby, alta e estranha, com feições irregulares, cujo único feito fora ser a primeira criança a ler todos os livros da biblioteca da escola, que acabara por casar rica. Os parentes Morris em cinco estados circundantes tinham

assistido ao casamento, as mãos estendidas para o dinheiro, como se aquele triunfo lhes pertencesse. O que não pareciam entender era que Eby não o fazia por eles. Estivera apaixonada por George desde que eram crianças. Mas nem uma única alma acreditou nela.

George estava outra vez a falar de Amesterdão quando se aproximaram daquilo a que os parisienses chamavam a ponte do falso: corria o boato que os jovens amantes não a conseguiriam atravessar se o seu amor não fosse verdadeiro. Era a última ponte que cruzavam antes de avistarem o seu hotel. Eby quase que retrocedeu quando se avizinham. Não queria voltar tão cedo para o hotel. Mas a ideia fê-la sorrir para si própria. Desde quando é que depois da meia-noite se tornara cedo? O que estava, na realidade, a evitar era o correio que estaria, de forma inevitável, à espera deles: mais cartas preocupadas da mãe, mais pedidos de empréstimos da parte de familiares, mais convites dos seus novos pares para festas e ingressos em clubes quando regressassem, mais bilhetes rabugentos da irmã, Marilee, a quem tudo isto devia ter acontecido e, porque não tinha, fervilhava como água no segundo antes de entrar em ebulição. Poderia até haver alguma mensagem telefónica que o dono do hotel considerava de má educação. A mãe de Eby não entendia. Era uma típica americana do Sul cuja tábuca de salvação era a linha telefónica, que usava com a maior frequência possível.

Em Amesterdão, levaria algum tempo até que as suas vidas antigas os alcançassem outra vez. Pelo menos aí teriam algumas semanas só para eles. Isso era bom.

Eby e George entraram na ponte. Os globos dos candeeiros antigos apareciam um de cada vez no nevoeiro, tornando-se gradualmente mais brilhantes à medida que eles se aproximavam e depois diminuía de luminosidade quando eles passavam, como se mãos invisíveis estivessem a ligá-los e a desligá-los.

Foi na escuridão entre as luzes, no centro da ponte, onde esta se arqueava como o dorso de um gato, que o nevoeiro pareceu

mudar e ganhar forma. Um braço pálido surgiu e depois uma camisa de noite cinzenta, cuja bainha ondulava na brisa que vinha da água agitada lá em baixo. Encontravam-se apenas a alguns passos quando Eby percebeu que não era um fantasma, mas sim uma jovem adolescente, de pé no parapeito da ponte, os dedos dos pés descalços recurvados como garras na pedra fria e estreita.

Eby estacou, petrificada, fazendo George parar.

– O que se passa? – perguntou George e depois seguiu o olhar de Eby. – Meu Deus.

Durante vários momentos não se mexeram, com medo que qualquer perturbação no ar empurrasse a rapariga que oscilava pela borda fora.

Eby ouvira os boatos que falavam de pessoas de coração destroçado que se suicidavam naquela ponte, mas, como todos os boatos, até que se provassem eram apenas mitos. Sentiu de súbito o coração pesado. Havia tanta felicidade no mundo. Estava em toda a parte. Era gratuita. Eby nunca entendera por que razão algumas pessoas, como a sua família, por exemplo, se recusavam simplesmente a aproveitá-la.

A rapariga era linda, a pele como natas frescas e o cabelo comprido tão escuro que parecia sugar a cor a tudo o que o rodeava. Era baixa. As mulheres francesas pareciam ser todas criaturas de ossos pequenos, delicadas de uma forma que Eby nunca conseguiria ser.

A jovem não se virou. Eby questionou-se se ela saberia sequer que eles se encontravam ali. Estendeu lentamente uma mão trémula. Esticou-a o mais possível, mas ficava ainda a centímetros da rapariga. A felicidade não era como eletricidade? Não éramos todos condutores? Se lhe conseguisse tocar, talvez a rapariga conseguisse senti-la.

– *S'il vous plaît* – disse Eby baixinho, a desejar saber mais algumas palavras em francês para dizer.

Estudara francês na escola de boas maneiras em Atlanta com a irmã, Marilee. A mãe hipotecara a casa para Marilee

frequentar o Colégio Goddell para jovens finas na esperança que isso a colocasse depois no caminho de homens ricos. Eby fora também enviada na hipótese remota de um dos professores masculinos se interessar por ela e pela sua dedicação ao estudo e, pelo menos, casar com um homem que usasse gravata. Mrs. Goddell teria ficado horrorizada com o limitado francês que Eby recordava, embora fosse mais do que Marilee aprendera. Eby pelo menos sabia perguntar as horas e pedir um copo de vinho. Marilee tinha um dia surripiado o dicionário de Mrs. Goddell e aprendera tudo o que desejava aprender quando descobriu como se dizia «Beija-me, seu idiota».

– *S'il vous plaît* – repetiu Eby. – Por favor.

A rapariga virou lentamente a cabeça e o seu olhar recaiu sobre Eby. Os olhos eram escuros, como o cabelo, belos e emotivos, e deles gotejavam lágrimas que manchavam a parte da frente da camisa de dormir. Devia estar gelada naquela noite outonal, com o odor de fumo de lenha a fixar-se baixo no ar. A boca da rapariga moveu-se, formando palavras, mas não saiu nenhum som. Fez um aceno impaciente para Eby e George seguirem caminho.

– *S'il vous plaît* – insistiu Eby.

– *Joie de vivre!* – exclamou de repente George em voz alta, a única expressão francesa que sabia e que aprendera num bar na primeira noite dos dois ali em Paris.

Era mesmo dele dizer aquilo numa altura como aquela. Era um homem caloroso, simpático. Era rico, mas essa riqueza fora adquirida recentemente e era sincero a esse respeito. Falta-lhe a languidez natural que acompanhava as fortunas tradicionais de família, o tipo de postura que fazia com que os outros sentissem que estavam apenas a percorrer os sonhos dos ricos, mal existindo sequer. Todos gostavam de George. O seu riso era como um barril de uísque. As faces eram quase tão vermelhas como o cabelo. Bastava olhar para ele para perceber que a sua capacidade de amar era tão grande como o mundo.

Não teria a mínima hipótese com a família de Eby quando o casal regressasse.

Os olhos da rapariga desviaram-se para George, avaliando-o com rapidez e sorrindo apenas levemente. O seu olhar divergiu depois para a mão estendida de Eby, para a aliança de casada.

Acenou com a cabeça para ambos numa manifestação tácita de apreço e Eby sentiu uma onda de alívio.

Mas a seguir a rapariga virou-se outra vez calmamente para a água.

E saltou.

PARTE 1



1

Atlanta, Georgia
Atualidade

—Acorda, Kate!

E, exatamente um ano depois do dia em que adormecera, Kate acordou por fim.

Abriu os olhos devagar e viu que uma traça cor de alfa-zema pálido viera pousar nas costas da sua mão. Observou-a da almofada, a pensar se seria real. Fazia-lhe lembrar a *T-shirt* favorita do marido, Matt, que escondera num saco de roupa para arranjar, incapaz de a deitar fora. A *T-shirt* tinha uma grande traça desbotada na parte da frente, o logótipo de uma banda de *covers* da cidade de Athens chamada os Mothballs.

Aquela *T-shirt*, aquela traça, desencadeava sempre uma recordação estranha do tempo em que era criança. Costumava desenhar tatuagens de borboletas nos braços com marcadores mágicos. Dava-lhes nomes, falava com elas, retocava-lhes as cores com cuidado quando começavam a desvanecer-se. Ao chegar a altura de quererem ser libertadas, soprava-lhes e elas ganhavam vida, descolavam da sua pele e voavam para longe.

Fora sempre um pouco diferente quando era pequena, aquela menina estranha que continuara com amigos imaginários bem depois da idade da maioria das crianças, a criança a quem as pessoas chamavam um *espírito livre* em jeito de consolo

para os seus pais, como se, da mesma forma que um ceceio, ela fosse libertar-se daquilo quando crescesse. Porém, os pais não se haviam importado. Enquanto se tinham tido um ao outro, haviam permitido que Kate fosse tão livre quanto desejasse.

Kate pensou em soprar a traça cor de alfazema, para ver o que sucederia, mas, antes de o conseguir fazer, a sogra entrou no quarto com uma chávena de café e um «Bom dia!» enérgico. Ao olhar outra vez, a traça desaparecera. Soergueu-se quando Cricket abriu os cortinados e disse:

– Hoje é o grande dia. Vêm aí os homens das mudanças.

Kate sentiu um pânico vago, como se estivesse a espantar um pesadelo de que não se conseguia recordar na totalidade.

– Homens das mudanças?

Cricket estalou os dedos em frente do rosto de Kate ao mesmo tempo que lhe passava a chávena de café.

– Sim, homens das mudanças. Vais mudar hoje para a minha casa. Tomaste alguma coisa para te ajudar a dormir a noite passada?

Não sonhara com aquilo. Era real. Olhou para o lado esquerdo do colchão. Matt não se encontrava ali. Teria jurado que ouvira a voz dele.

– Não. Não tomo nada. Sabes isso.

– Estás rabugenta esta manhã – disse Cricket. – Ainda bem que cheguei aqui cedo. Já tratei de acordar Devin e fazer com que se vestisse e tomasse o pequeno-almoço.

– Devin está acordada? É o primeiro dia das férias de verão – retorquiu Kate. – Nunca se levanta tão cedo nas férias.

– Penso que é melhor que ela tenha horários. Será depois muito mais fácil voltar ao ritmo da escola no outono, não achas? Está no sótão. Tomas conta dela, sim?

Kate sentiu um calor estranho na nuca, uma coisa que não sentia já há algum tempo. Era quase exótico, como provar curcuma ou açafraão após um ano a comer doces. Havia ali qualquer coisa de picante.

Estava *irritada*.

Por fim, acordara e irritada. Claro que tomaria conta de Devin. No último ano fizera o jantar de Devin, assistira às peças da escola, acompanhara viagens de estudo e levava-a ao médico dos olhos. Andara num estado de sonambulismo, mas, de qualquer modo, fizera tudo aquilo. Cricket não tinha razão nenhuma para desconfiar da capacidade de Kate para cuidar como mãe da própria filha.

À exceção daquela vez.

Haveria sempre aquela vez.

– Está uma confusão lá em cima – comentou Cricket, matraqueando pelo quarto nos seus sapatos *Louboutin*, com o seu fato preto elegante e cabelo comprido sulista inalterável. Inspeccionou o roupeiro para ver se tinham ficado algumas roupas, para se certificar que Kate emalara tudo. – Pensei que te tinha dito para escolheres as coisas do sótão e colocares o que querias na sala. Caso contrário, vão ficar cá para os novos proprietários resolverem o que lhes fazer. Se calhar é melhor não deixar Devin levar todas aquelas roupas velhas. Nunca mais a conseguiremos separar delas no outono. Esta manhã descobri o uniforme da escola no caixote do lixo!

Kate pousou a chávena de café no chão ao lado da cama. Todos os dias, durante um ano, Cricket aparecera para levar Devin para a sua escola nova e fazia sempre o café enquanto lá estava, um café horrível, preto como alcatrão, que Kate detestava. Já não o queria beber mais. Era uma coisa tão insignificante, pôr o café de parte e não o beber, mas, observando os olhos de Cricket a interiorizar o movimento, Kate sentiu uma pequena onda de excitação devido a este seu primeiro e verdadeiro ato de rebeldia desde que fora dormir há um ano.

– Disse-lhe sempre que podia usar o que quisesse no verão.

– Ambas sabemos que não é boa ideia, sobretudo agora que vai mudar-se para o meu bairro.

– Matt concordava comigo – acrescentou Kate, o nome dele pouco familiar agora na sua língua, e foi como se dissesse qualquer coisa horrível, uma maldição.

Cricket afastou-se à menção do nome do filho. Não gostava de falar dele. Nunca. Estava a guardá-lo dentro dela, cativo dentro da sua caixa torácica, não querendo partilhar a sua dor com mais ninguém. Nem sequer com Kate, que desejava tanto descobrir pedaços do afeto por Matt na mãe dele, para se sentir, de algum modo, consolada.

– Deixaste-a fazer demasiadas coisas ao longo dos anos. Vais levantar-te agora, não vais? Porque os homens das mudanças chegarão ao meio-dia. Devo conseguir sair do trabalho por volta das três. Sabes que ficava cá para ajudar se não fosse por causa daquele grande negócio hoje. Vemo-nos na minha casa esta tarde. Tudo deverá correr sobre rodas. Deixei uma lista. Vais levantar-te agora, não vais? – perguntou de novo.

Kate levantou-se devagar, como se experimentasse o seu equilíbrio. Sentia-se estranha. Tinha os músculos fracos.

Cricket virou-se na entrada da porta e fitou Kate. Ela não fazia ideia do que ela estaria a pensar. Nunca fazia. Era tão ilegível como uma língua perdida.

– Estás entusiasmada por vires trabalhar no meu escritório? Amanhã podemos ir cortar o teu cabelo. Gostavas?

Kate levou a mão ao cabelo e sentiu um ano de crescimento irregular a emoldurar-lhe o rosto.

Fora exatamente há um ano que pegara na tesoura na casa de banho onde se trancara depois do funeral de Matt. Fitara-a, o aço inoxidável a cintilar à luz do sol do meio-dia e pensara coisas que não soubera ser capaz de pensar, coisas sombrias, imperdoáveis. Mas, quando erguera a tesoura, descarregara a sua dor e frustração no comprido cabelo castanho. A cada tesourada, tinham caído pedaços de cabelo e vira-os transformarem-se em pássaros minúsculos que grasnavam e voavam à sua volta, enxameando num círculo pesado.

Matt adorara o seu cabelo e ela usara-o comprido só para ele. Kate aguardava sempre com expectativa as ocasiões em que, quando fazia a contabilidade na loja, Matt passava por acaso por ela e puxava o lápis que lhe prendia o cabelo só para o ver deslizar em cascata pelas suas costas. Quando faziam amor, ele gostava que ela estivesse por cima, com o cabelo a cair à volta dele, colando-se-lhe à pele.

Horas depois, Cricket encontrara-a no chão da casa de banho. Cricket ajoelhou-se de surpresa e Kate chorara, agarrando-se a ela com tanta força que tinha a certeza que deixara nódoas negras. Cricket ajudara Kate a limpar os sítios onde ferira o couro cabeludo e aparara o que conseguira para Devin não ficar assustada. Depois, em frente de Devin, atenuara o impacto dizendo-lhe que Kate precisava de um corte de cabelo que fosse mais fácil de cuidar.

Fora o último dia em que estivera acordada.

Até agora.

Cricket estava à espera que ela respondesse.

– Sim – disse Kate. – Obrigada, Cricket. Por tudo.

– Até logo – retorquiu ela, virando-se para sair. – Tenho grandes planos para te contar.

Kate escutou o som dos saltos de Cricket a percorrer o corredor.

A porta da frente a abrir-se e a fechar-se.

O barulho do carro de Cricket a arrancar.

Apressou-se então a sair do quarto, a tentar afastar o sono e a desorientação. *Meu Deus*, pensou, *isto está mesmo a acontecer*. Dirigiu-se ao *closet* ao fundo do corredor, onde as escadas articuladas já tinham sido puxadas do teto.

Subiu os degraus e emergiu para a luz da única janela no sótão. Grãos de poeira flutuaram à sua volta como cinza. A filha de oito anos cantarolava entre dentes enquanto escarafunchava nos resíduos de uma grande arca preta cujas dobradiças estavam vermelhas de ferrugem e que tinha a palavra MARILEE estampada a dourado na tampa.

Devin crescera no ano em que Kate estivera adormecida, crescera de formas que só agora percebia. O rosto estava mais cheio, as pernas mais compridas. Apeteceu-lhe correr para a abraçar, mas Devin pensaria que ela estava maluca. Ela vira Kate na noite anterior, quando esta a fora aconchegar à cama. Para Devin não passara um ano. Não sabia que Kate estivera adormecida todo aquele tempo.

Por isso Kate ficou ali parada e deleitou-se a vê-la. Era a criatura mais deslumbrante e única que Kate conhecia. Saíra do seu ventre já uma pessoa, recusando ser definida por alguém. Nem sequer se parecia com ninguém dos dois lados da família. A família de Matt tinha muito orgulho nos seus cabelos escuros, um preto-azulado que fora invejado por gerações, pela forma como refletia o sol, como a teia de uma aranha. Da parte da família de Kate, existia um gene que lhes dava uns olhos tão verdes que levavam as pessoas a pensar que mesmo a mulher Morris menos atraente era bonita. E, contudo, aqui estava Devin, com um cabelo loiro pálido e olhos azul-claros, sendo o esquerdo um olho preguiçoso. Tivera de usar uma pala aos três anos. E adorara. Adorava o seu cabelo loiro cheio de nós. Adorava usar riscas com bolinhas, tutus e meias verdes e cor-de-rosa com sapatos de pele cor de laranja. Devin não se ralava nada com o que as outras pessoas pensavam dela.

E isso enlouquecia Cricket.

Como deixara Kate aquilo acontecer? Como chegara ao ponto de estar lentamente a delegar na pessoa que queria mudar a sua filha, transformar a coisa gloriosa que ela era? Aquilo que Kate costumava ser, o que costumava *orgulhar-se* tanto de ser? Engoliu em seco antes de sentir que tinha voz para dizer:

– Olá, miúda. O que estás a fazer?

Devin olhou por cima do ombro com um sorriso.

– Mamã! Olha. Este é o meu preferido – disse, puxando um vestido cor-de-rosa desbotado com uma faixa xadrez vermelha. O saiote de crinolina por baixo era tão velho e teso que estalava

como contas de colar ou brasas na lareira. Passou o vestido por cima da cabeça, por cima das suas roupas. Roçou pelo chão. – Quando for mais velha e me servir, vou usá-lo com sapatos roxos.

– Uma escolha arrojada – retorquiu Kate enquanto Devin mergulhava de novo na arca.

O sótão na casa da mãe de Kate sempre fascinara Devin com a sua promessa de tesouros escondidos. Quando a mãe de Kate ainda era viva, deixara Devin comer tabletes de chocolate *Baby Ruth*, beber refrigerante de uva e brincar com aquela arca velha cheia de vestidos que gerações de mulheres Morris tinham usado para aliciar homens ricos a casar com elas. A maioria das roupas pertencera à avó de Kate, Marilee, uma beldade famosa que, como todas as restantes, se apaixonara por um homem pobre.

– Quem é Eby Pim? – perguntou Devin de repente.

– Eby?

Kate aproximou-se de Devin, com passos comedidos, a tentar não parecer demasiado ansiosa. Devin entrara para dentro da grande arca. A única parte visível era a boina verde antiga que agora usava. A boina tinha uma pena comprida impressionante e, quando Devin mexia a cabeça, a pena escrevia letras invisíveis no ar. Kate sentou-se no chão ao lado da arca, o mais perto possível.

– Eby era a irmã da minha avó Marilee. A minha tia-avó. A tua tia-bisavó. Só estive com ela uma vez, mas achei que era maravilhosa. Diferente. Um pouco escandalosa.

– O que fez ela?

– Eby casou com um homem com dinheiro e a família dela estava à espera que ela partilhasse todo aquele dinheiro com eles – respondeu Kate. – Mas, quando voltaram da lua de mel, Eby e o marido decidiram de súbito desfazer-se de todo o seu dinheiro. Venderam a casa em Atlanta e compraram uma propriedade pantanosa mais para sul. Ninguém os viu durante

anos e anos. Eu tinha doze anos quando a conheci. A minha mãe, o meu pai e eu fomos visitar Eby quando o marido dela morreu. Havia lá um lago mágico e eles alugavam as cabanas à volta do lago. Creio que foi talvez o melhor verão que já tive.

– Podemos lá ir?

A voz que saiu da arca era fininha. Kate fechou os olhos, emocionada.

– Não sei se ainda existe. Foi há muito tempo. O que te levou a fazer perguntas sobre Eby? – inquiriu Kate. – Há aí alguma coisa dela?

A mão de Devin apareceu de dentro da arca, a segurar um postal antigo.

– Só este postal. É para ti.

Kate pegou nele. De um dos lados viam-se as palavras destacadas à moda antiga LAGO PERDIDO, todas as letras suficientemente grandes para lá caber uma imagem do lago.

Kate virou o postal. Tinha um carimbo de correio de há quinze anos atrás, a última vez que vira Eby.

Kate, sei que te divertiste aqui e que não querias ir embora.

És sempre bem-vinda em qualquer altura que queiras voltar.

Queria que soubesses isso. Beijos, Eby Pim

Era a primeira vez que Kate via aquilo. A mãe nunca lhe dera o postal. Sabia que a mãe e Eby tinham tido um desentendimento qualquer nesse verão, mas não soubera que Eby tentara contactá-la.

Devin saiu da arca e começou a pôr de novo os vestidos lá dentro. Alguns eram tão antigos que a luz brilhava através deles como se fossem roupas fantasmas.

– Podemos levar esta arca quando formos para casa da avó Cricket? – perguntou Devin, despindo o vestido e o chapéu que usava. Colocou-os dentro da arca e depois, devagar, fechou a tampa e trancou-a.